

## Entrevista com Ann Patchett sobre Escrita, Sucesso e Vida no Século XXI

### Introdução

Este resumo baseia-se na entrevista de Ann Patchett, uma autora americana best-seller e proprietária de livrarias, para a BBC News. A entrevista explora a sua perspectiva única sobre o sucesso literário, a sua incursão inesperada no mundo das livrarias independentes, o seu estilo de escrita focado nas relações humanas, e a sua crítica à proliferação da tecnologia na vida quotidiana.

### Temas Centrais e Ideias Chave

#### 1. Sucesso e Aspirações Artísticas: Uma Contradição Inesperada

Ann Patchett revela uma dicotomia fascinante entre as suas aspirações iniciais como escritora e o sucesso estrondoso que alcançou.

- **Baixas Expectativas Iniciais:** Patchett nunca associou a escrita de ficção literária ao sucesso comercial. Ela afirma: "Eu queria fazer arte e queria escrever ficção literária e nunca associei isso ao sucesso." Além disso, ela tinha uma visão de escritores como figuras do passado: "Eu nunca pensei em escritores vivos porque as pessoas que lemos estavam mortas." Esta perspetiva moldou a sua abordagem inicial à escrita, onde a mera publicação era vista como um grande feito. "O segredo para a felicidade são baixas expectativas e por isso nunca pensei que teria sucesso. O facto de ter vendido três livros e ter ganho dinheiro suficiente para sobreviver num apartamento de um quarto foi fantástico."
- **A "Sorte do Sorteio" de *Bel Canto*:** O seu romance *Bel Canto* tornou-se um sucesso estrondoso, mas Patchett atribui isso mais à conjuntura dos ataques de 11 de setembro do que a uma melhoria qualitativa na sua escrita. Ela explica que as pessoas "queriam ler sobre terrorismo" e *Bel Canto* (e *The Kite Runner*) preencheram essa necessidade de forma inesperada. "Não sinto de forma alguma que, ah, escrevi três livros medíocres e depois escrevi um muito bom. É apenas a sorte do sorteio como as coisas mudam."
- **Ausência de Pressão:** Apesar do sucesso, Patchett não sente pressão para continuar a produzir ou para superar os seus trabalhos anteriores. Ela valoriza a liberdade criativa: "Ninguém está a ver, não estou a curar o cancro... É ficção literária, por isso posso fazer o que quiser, não há pressão." Ela vê a escrita como um privilégio e uma escolha pessoal: "Faço-o porque adoro fazê-lo, é um privilégio fazê-lo."

#### 2. A Incursão Inesperada no Mundo das Livrarias (Parnassus Books)

A decisão de Ann Patchett de comprar e gerir uma livraria em Nashville não foi um sonho de infância, mas uma resposta pragmática a uma necessidade comunitária.

- **Necessidade Comunitária, Não um Sonho:** O impulso para abrir a Parnassus Books surgiu da ausência de livrarias na sua cidade. "Não foi que eu quisesse abrir uma livraria, foi que eu não queria viver numa cidade que não tivesse uma

livraria e alguém precisava de o fazer e parecia civilizado." Ela começou como "parceira silenciosa" e acabou por se tornar a proprietária total, descrevendo a situação como "realmente caí nisto de costas e tem sido uma coisa maravilhosa, tem sido uma enorme alegria."

- **Resistência Inicial e o Renascimento do Romance:** Patchett e a sua parceira enfrentaram ceticismo, com um proprietário a afirmar: "Nunca alugaria a uma livraria, as livrarias estão mortas, vocês vão sair do negócio em 6 meses." No entanto, a livraria prosperou. Um exemplo notável do seu sucesso e da mudança nas tendências de leitura é a ascensão da secção de romance: "Quando abrimos a loja, nunca nos ocorreu ter uma secção de romance... e agora temos uma secção inteira de romance, uma grande secção de romance."
- **Servir os Leitores Dedicados:** Patchett reconhece as diversas formas de entretenimento e educação, mas o seu foco é claro: "Só estou aqui para servir as pessoas que ainda querem ler um livro."

### 3. O Estilo Narrativo de Ann Patchett: Relacionamentos em Confinamento e a Bondade Humana

Os romances de Patchett são definidos por um padrão recorrente de personagens em situações de confinamento, explorando a dinâmica das relações humanas.

- **Cenários de "Ilha Deserta":** Patchett descreve os seus romances como "um grupo de pessoas é reunido e elas têm de resolver as coisas porque estão presas." Ela gosta de um "cenário de ilha deserta", onde a "ambientação é a diversão, a ambientação é a cereja do bolo", mas o cerne é sempre "os relacionamentos, como as pessoas estão a resolver os seus problemas." Exemplos incluem um lar para mães solteiras, uma situação terrorista, uma tempestade de neve e uma expedição no Amazonas.
- **Representação da Bondade Humana:** Um aspeto notável do seu trabalho é a representação de personagens fundamentalmente boas. Patchett defende que isto reflete a sua própria experiência e perspetiva sobre o mundo. "É o mundo que vejo. Olho através dos meus próprios olhos... as pessoas com quem interajo todos os dias... são pessoas muito gentis." Ela critica a falta dessa representação na ficção: "há tanta bondade, decência, consideração que não vejo representada com frequência suficiente na ficção."
- **A Origem dos Vilões:** Apesar da sua tendência para representar a bondade, Patchett revela que a sua "melhor vilã", Andrea em *The Dutch House*, nasceu do seu próprio medo e preocupação. Inspirada numa conversa com Zadie Smith, ela percebeu que "a ficção autobiográfica não é o que nos aconteceu, é o que temos medo que aconteça." A sua vilã foi um produto do seu medo de ser uma má madrastra. "Eu podia imediatamente imaginar uma personagem que era uma madrastra terrível e manipuladora e cheia de raiva e horrível porque esse era o meu medo."

### 4. Rejeição da Tecnologia e a Preservação da Mente Criativa

Ann Patchett é uma defensora ferrenha de uma vida sem a constante interrupção da tecnologia moderna, vendo-a como uma ameaça à atenção e à narrativa.

- **Um "Peça de Museu" no Mundo Moderno:** Patchett descreve-se humoristicamente como uma "peça de museu" devido à sua aversão à tecnologia. Ela não tem smartphone, não usa redes sociais e limita a sua exposição a websites e televisão. "Eu sinto-me por vezes como o sobrevivente do apocalipse zombie, especialmente quando estou em Nova Iorque e estou a andar na rua e cada pessoa está a fazer isto."
- **Perigo para a Atenção e o Mundo Natural:** Ela lamenta a perda da atenção plena e da conexão com o ambiente. "Quando é que olhas para as árvores? Quando é que reparas no mundo natural? Quando é que pensas, quero fazer o meu melhor para proteger o mundo natural porque faço parte dele?" Para Patchett, o vício nos telefones impede essa conexão: "Não, não és, estás apenas a andar por aí a olhar para a palma da tua mão."
- **"A Morte do Enredo Narrativo":** Patchett argumenta que os telefones e a conectividade constante são "a morte do enredo narrativo" na ficção. Se um personagem pode contactar qualquer pessoa ou obter qualquer resposta instantaneamente, a tensão e os obstáculos que impulsionam a história desaparecem. Ela admite que "sempre estou a trabalhar para me livrar dos telefones dos meus personagens." Ela dá o exemplo de um romance atual onde a personagem está sem bateria no telemóvel para manter a complicação do enredo.
- **Origens da Aversão à Tecnologia:** A sua relutância em ser constantemente acessível remonta a experiências da infância, incluindo um padrasto que usava um *pager* para controlar a sua mãe e a cultura de ter armas para segurança pessoal. "Não quero que as pessoas me consigam encontrar."

## Conclusão

A entrevista com Ann Patchett oferece uma visão profunda sobre a vida e o processo criativo de uma autora de sucesso. Ela desafia noções convencionais sobre a relação entre arte e sucesso, sublinha a importância das livrarias como centros comunitários e defende uma abordagem consciente à tecnologia. A sua capacidade de encontrar bondade no mundo real e tecê-la nas suas narrativas, mesmo enquanto explora as complexidades das relações humanas em cenários de confinamento, é uma marca distintiva do seu trabalho. A sua perspetiva, a de uma "peça de museu" num mundo cada vez mais digital, serve como um lembrete valioso da importância de proteger a mente, a atenção e a capacidade de observação no processo criativo e na vida.